

ARTIGO

Um Profeta Da Velocidade
O CASO DE RAY KURZWEIL
E UMA REFLEXÃO SOBRE A
CONSTRUÇÃO DE UMA
FILOSOFIA PROFÉTICA DA
HISTÓRIA

ALEXANDRA DIAS FERRAZ TEDESCO

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro | Rio de Janeiro | Brasil
alexandra.tedesco@gmail.com
orcid.org/0000-0001-7840-5014

VÍTOR HUGO DOS REIS COSTA

Universidade Federal de Santa Maria
Santa Maria | Rio Grande do Sul | Brasil
costavhr@gmail.com
orcid.org/0000-0002-0426-1983

Esse artigo se propõe a buscar, na formação do imaginário da Inteligência Artificial dos anos 1990 e 2000, as razões sociais da construção do otimismo em relação ao futuro, com a hipótese de que disciplinas como a Inteligência Artificial lançam-se à esfera pública como produtoras de imagens de futuro poderosas o suficiente para que se tornem, na linguagem popular, um tipo de consciência histórica adequada ao neoliberalismo, examinando o caso exemplar de Raymond Kurzweil. Inicialmente, serão abordados alguns pressupostos da cultura sci-fi na qual se formam esses discursos. Depois, será dada uma atenção à discussão da importância da biografia do profeta, Kurzweil, na intenção de analisar a importância do tema do guru fundador, do profeta, na construção social do otimismo com a tecnologia junto com a nova ideia de personalidade. Em seguida, serão analisados, a partir dos pressupostos anteriores, as modalidades de consciência histórica que se propagam através deles: o agenciamento de si no futurismo, a questão da tecnologia e o tipo de relação entre destino histórico e destino individual. Nossa hipótese é que os futuristas não são os profetas do futurismo, mas do atualismo, e de que a construção e a fortuna pública desse imaginário têm como coluna espinhal a ideia de que a biografia de um indivíduo exemplar é nada menos do que uma reprodução em microescala da biografia do mundo.

Atualismo—Filosofia da História—Ray Kurzweil
Singularidade—Tecnologia

ARTICLE

A Prophet of speed
THE CASE OF RAY KURZWEIL
AND A REFLECTION ON THE
CONSTRUCTION OF A
PROPHETIC PHILOSOPHY OF
HISTORY

ALEXANDRA DIAS FERRAZ TEDESCO

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro | Rio de Janeiro | Brasil
alexandra.tedesco@gmail.com
orcid.org/0000-0001-7840-5014

VÍTOR HUGO DOS REIS COSTA

Universidade Federal de Santa Maria
Santa Maria | Rio Grande do Sul | Brasil
costavhr@gmail.com
orcid.org/0000-0002-0426-1983

This article proposes to seek, in the formation of the Artificial Intelligence imaginary of the 1990s and 2000s, the social reasons for the construction of optimism about the future, with the hypothesis that disciplines such as Artificial Intelligence launch themselves into the public sphere as producers of images of the future powerful enough to become, in popular parlance, a kind of historical consciousness suited to neoliberalism, examining the exemplary case of Raymond Kurzweil. Initially, some assumptions of the sci-fi culture in which these discourses are formed will be addressed. Then, attention will be given to the discussion of the importance of the biography of the prophet, Kurzweil, in order to analyze the importance of the theme of the founding guru, the prophet, in the social construction of optimism with technology along with the new idea of personality. Then, based on the previous assumptions, the modalities of historical consciousness that propagate through them will be analyzed: the agency of the self in futurism, the issue of technology and the type of relationship between historical destiny and individual destiny. Our hypothesis is that the futurists are not the prophets of futurism, but of updatism, and that the construction and public fortune of this imaginary has as its backbone the idea that the biography of an exemplary individual is nothing less than a reproduction in micro scale of world biography.

*Updatism—Philosophy of History—Ray Kurzweil
Singularity—Technology*

Acho que, então, vou ter que continuar lendo os livros. Mas alguns de meus professores até que são legais, parece que sabem de tudo...
Como eu disse, os humanos são bons em fingir quando saem de sua área de Experiência. Entretanto, existe um jeito pelo qual baixar conhecimento será viável pela metade do século XXI.

Sou todo ouvidos.

Baixar conhecimento será um dos benefícios da tecnologia de implantes neurais. Teremos implantes que estenderão nossa capacidade de retenção de conhecimento, para aumentar a memória. Ao contrário da natureza, não deixaremos uma porta para baixar conhecimento rápido na versão eletrônica de nossas sinapses. Então será viável fazer um download rápido de conhecimento para essas extensões eletrônicas de nossos cérebros. Naturalmente, quando acoplarmos inteiramente nossas mentes a um novo meio computacional, baixar conhecimento se tornará mais fácil.

Então eu serei capaz de comprar implantes de memória pré-carregados com um conhecimento de, digamos, meu curso de literatura francesa?

Claro, ou você poderá clicar mentalmente num website de literatura francesa e baixar o conhecimento diretamente do site.

Isso meio que acaba com o objetivo da literatura, não é? Quero dizer, uma parte desse negócio é bacana de se ler.

Eu preferiria pensar que intensificar o conhecimento irá aumentar a apreciação da literatura, ou de qualquer outra forma de arte. Afinal, precisamos de conhecimento para apreciar uma expressão artística. Caso contrário, não entenderíamos o vocabulário ou as alusões.

De qualquer maneira, você ainda será capaz de ler, só que um bocadinho mais rápido. Na segunda metade do século XXI você será capaz de ler um livro em alguns segundos.

Acho que eu não conseguiria virar as páginas tão rápido assim.

Raymond Kurzweil em *A era das máquinas espirituais*

NOVOS PROFETAS PARA ANTIGAS PROFECIAS

Em 2018, a matriz californiana da Singularity University – espécie de thinktank dedicado à formação de líderes para o mercado de *startups* – lançou um conjunto de previsões para os anos seguintes¹. Com expectativas anuais, o documento abrange um espaço de 20 anos. Em 2022, por exemplo, já conviveríamos com robôs recepcionistas e executores de tarefas domésticas. Dois anos depois, em 2024, começariam as viagens frequentes a Marte. Em 2026, “com 8 bilhões de pessoas conectadas a internet de alta velocidade, a realidade virtual será uma tecnologia comum no mundo”. Finalmente, em 2038, nosso mundo estará totalmente irreconhecível, assim como nós mesmos².

Menos do que julgar o acerto das previsões, ou mesmo a legitimidade de fazê-las, esse artigo começa propondo uma reflexão sobre o sentido propriamente historiográfico da difusão dessas profecias otimistas em torno da fusão do ser humano com as máquinas. Em outros termos, de que forma a linguagem pública das profecias elaboradas pelos futuristas do Vale do Silício, sobretudo a partir da circulação pública do imaginário da Inteligência Artificial pós anos 1990, professa e encarna, a uma só vez, um novo tipo de intelectual e um novo tipo de consciência histórica, bastante diferente daquela debatida pelos

1 O artigo “Express yourself”: a Singularity University e o romantismo radical da educação empreendedora, de autoria nossa, encontra-se no prelo (Revista Projeto História - PUC SP). Nele estão sistematizados de forma mais extensa as relações entre as profecias de Raymond Kurzweil, o fundador do empreendimento, e alguns dos rearranjos das perspectivas educacionais alinhadas ao neoliberalismo. Por conta disso, optamos por manter este artigo mais panorâmico em relação a esse desdobramento temático.

2 EPOCA. Negócios. Singularity University prevê como o mundo será em 2038: “irreconhecível”. Disponível em <https://epocanegocios.globo.com/>

historiadores acadêmicos e, ao mesmo tempo, com suficiente perenidade na esfera pública para tornar-se uma espécie de profecia autorrealizável.

A hipótese é de que se, por um lado, o tema da imbricação entre homens e máquinas não é novo – podemos encontrar essa imagem já no século XVIII (Kunzru 2009) – é nova, por outro lado, a construção de uma imagem de futuro baseada em um otimismo inexorável que desloca a consciência histórica do âmbito do mundo exterior para o âmbito da história do próprio sujeito, assim como é específico das últimas décadas o fato de que esse otimismo em relação ao futuro coincida com um momento de crise social e austeridade.

Buscando compreender o que é propriamente “novo” em um ambiente onde a novidade tem uma vida curta por definição, este artigo propõe que o que diferencia a cultura tecno-científica contemporânea de suas antecessoras é sua perenidade cultural e sua capacidade de desenvolver um imaginário público em torno da simbologia do futuro. Um retrato desse encontro foi feito pelo cientista do MIT Daniel Crevier, ainda em 1993. Crevier, narrando sua experiência no MIT com as então nascentes pesquisas em IA, nos conta que, desde os anos 1970, as expectativas em torno da então nascente disciplina eram da ordem da magia e da maravilha³. Embora a relação com o autômato seja tão antiga quanto a *Ilíada*, o período que vai de 1970 a 1990 teria alçado a cibernética a uma nova categoria: a de narrativa do mundo. Para Hari Kunzru (2009), no mesmo sentido, já a partir dos anos 1960 o imaginário do ciborgue se desloca da fantasia acadêmica para o horário nobre da TV, deixando importantes “resíduos culturais”, tais como a descrição do mundo como rede, a intuição de que a distinção entre humanos e máquinas é instável e a imagem de um futuro que se impõe de modo categórico, restando a nós, apenas, agenciar mudanças culturais que nos conformem a essa realidade já dada, mesmo enquanto em construção⁴.

Assim, se por um lado a linguagem da profecia pode ter caído em desuso no âmbito da historiografia⁵, parece ser, por outro lado, a própria substância de uma cultura que se desenvolveu na região do Palo Alto e que se espalha a partir

³ Daniel Crevier aponta, ainda, para um processo lento, mas estável de institucionalização da Inteligência Artificial como disciplina. Isso acontece, em sua análise, a partir dos anos 1990, momento em que ela deixaria de ser uma aposta interdisciplinar de instituições como o MIT para tornar-se uma especialidade propriamente dita, com laboratórios e linhas de investigação independentes.

⁴ Diversas produções cinematográficas exploraram a hipótese de máquinas que desenvolveriam consciência humana. Algumas das que mais se destacam nesse gênero narrativo na categoria de narrativas de ação são *Blade Runner* (1982), a animação *Ghost in the shell* (1995), e *O exterminador do futuro II* (1991). Mais recentemente, em *Her* (2013) se viu a exploração da possibilidade de vínculos amorosos e afetivos entre seres humanos solitários e suas máquinas dotadas de inteligência artificial.

⁵ O desuso da escatologia profética foi explorado, de maneira ampla e densa, nos ensaios do historiador alemão Reinhart Koselleck (2014). Este mostra como certa estrutura profética e escatológica que coordenava o horizonte social das expectativas desde pressupostos teológicos se mantém intacta da passagem do Medieval para a Modernidade. Mesmo que a materialidade do imaginário teológico tenha perdido prestígio científico, permaneceu vivaz a ideia de que “uma profecia ou uma expectativa apocalíptica não cumprida pode ser repetida infinitamente” já que “a probabilidade de o previsto ou esperado ainda vir a acontecer aumenta com cada expectativa frustrada”, de modo que “o equívoco referente à hora é justamente a prova de sua realização segura no futuro” (159). Por outro lado, com a experiência moderna da aceleração da história – que projetou retrospectivamente o enquadramento das mudanças em arcos exponenciais que podem ser utilizados para organização da história geológica, biológica e, nestas, da história humana – ficou evidente, segundo o historiador, que “a aceleração ou a abreviação dos nossos prazos de experiência nos impede *per definitionem* de induzir disso outros prognósticos” (188). Talvez o caráter um pouco quixotesco das previsões de Kurzweil se devam a tentativa de transpor essa impossibilidade.

dos anos 1990 pelo mundo. Trata-se, então, de pensar sobre quais elementos do imaginário público se tornam maleáveis a ponto de acomodar e fazer circular a “sensação eminente de juízo final” (Lasch 1983) que marcou a virada do milênio. Tudo se passa como se, diante do desmoronamento das expectativas, não se pense mais em evitar coletivamente a catástrofe, mas em sobreviver individualmente a ela⁶. Assim, nos deparamos com dois processos paralelos e, se nossa hipótese estiver correta, imbricados: ao mesmo tempo em que a linguagem profética se consolida negativamente na historiografia profissional, torna-se um dos principais produtos culturais do imaginário científico popular. Jerome de Groot (2009), comenta sobre esse movimento apenas paradoxalmente contraditório: ao mesmo tempo em que os historiadores profissionais são desacreditados na esfera pública, o interesse pelo passado (e, nesse caso, pelo futuro) é cada vez maior⁷. Queremos propor que esse interesse pelo passado ativa também uma reflexão implícita sobre o sentido da história e suas possibilidades de apreensão. Assim, mais do que falar sobre o passado e sobre o futuro, o que a cultura da inteligência artificial oferece é uma filosofia da história na qual as crises e as calamidades contemporâneas são acomodadas como interlúdios em um destino transcendental de abundância e autorrealização. Tudo se passa como se um novo hegelianismo, comodamente distante da obra do filósofo alemão, amparasse a cultura do otimismo tecnológico dos laboratórios de IA⁸. Essa imbricação delicada de produção de imaginários históricos nos coloca diante da situação inusual de tomar o campo da cultura cibernética como ponto de partida de uma reflexão propriamente historiográfica, conferindo ao campo da computação e às expectativas geradas por ele um lugar privilegiado na produção de imagens e visões de mundo hegemônicas na contemporaneidade (Golumbia 2009).

⁶ Recorremos, nesse ponto, ao diagnóstico crítico de Zoltan Simon em relação às análises sobre o catastrofismo contemporâneo que não contemplam a dimensão propriamente construtiva das utopias tecnológicas. Em seus termos, “qualquer que seja o evento, o catastrofismo não é a única visão de futuro que existe. Muitos dos atuais prospectos tecnológicos se vêem como tudo menos cataclísmicos e distópicos” (Simon 2021). Esse alerta incide mais diretamente sobre o pressuposto que orienta nosso argumento, a saber, de que a filosofia da história opera vivamente na composição do discurso público sobre o desenvolvimento tecnológico, ainda que não seja discutida nesses termos pela comunidade historiográfica mais ampla.

⁷ Em *live* recente que reuniu especialistas sobre o pensamento de Koselleck, Sérgio da Mata apresentou certa desconfiança sobre a suposta queda do *topos* da *historia magistra vitae* descrito por Koselleck como um dos traços típicos da consciência histórica propriamente moderna. Para da Mata, o *topos* do saber histórico compreendido como galeria de narrativas exemplares permanece vivo na opinião pública e é frequentemente os próprios historiadores lançam mão da ideia de um saber histórico que teria como uma de suas principais funções sociais a preservação de uma memória viva por meio do qual seria mais fácil evitar os erros do passado. (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0tjAveJP38Y>, acessado em 16/05/2022, 16h30).

⁸ Além do hegelianismo, uma outra aproximação do problema pode ser feita por meio da filosofia tardia de Martin Heidegger (2002) que, por meio da sua noção de “técnica” [*Gestell*], designa uma instância cujo processo seria algo como o motor da própria História. Diferentemente da dialética hegeliana, todavia, a perspectiva heideggeriana enfatiza o automatismo da técnica *contra* a liberdade humana. Uma perspectiva assemelhada pode ser encontrada em expressões estéticas como os romances de Milan Kundera (2010, 1998), por meio de metáforas teológicas nas quais Deus ora é um programador que deixa o programa da Criação sendo executado sozinho e ora é, ele próprio, uma instância impessoal que precisa da humanidade como *meio* para realização compulsória de fins incompreensíveis para indivíduos e grupos humanos.

No entrecruzamento dessas dimensões emerge não apenas uma nova concepção de universidade – como a Singularity, adaptada às demandas do conhecimento exponencial – mas também uma nova concepção de cientista, que reabilita a figura do profeta destronando o cientista técnico que parece cair em desuso junto com a imagem impessoalizada da burocracia⁹. Tendo em vista essa transformação, esse artigo se propõe a buscar, na formação do imaginário da Inteligência Artificial dos anos 1990 e 2000, as razões sociais da construção do otimismo em relação ao futuro, mesmo que este esteja, virtualmente, se despedaçando, ou justamente por isso: o presente caótico, quando inscrito em uma teleologia específica formulada nos laboratórios científicos, se torna um pré-requisito para a imposição de um futuro melhor, porque mais atualizado em relação à necessidade que ele próprio engendra.

A hipótese deste artigo é, sinteticamente, de que disciplinas como a Inteligência Artificial lançam-se à esfera pública como produtoras de imagens de futuro poderosas o suficiente para que se tornem, na linguagem popular, um tipo de consciência histórica adequada ao neoliberalismo¹⁰, porque formulada à sua imagem e semelhança. O sucesso dessa empreitada depende de um reavivamento de uma ideia romântica de personalidade, ancorada na exemplaridade de seus profetas, como Raymond Kurzweil, o mentor da Singularity University. Nesse sentido, a alcunha autoconferida de “futuristas” pela qual se identificam alguns desses personagens é uma pista para a compreensão de uma nova combinação, apenas paradoxalmente contraditória, entre a ideia de indivíduo irreduzível e a ideia de destino histórico. Nos termos de Kevin Robins e Frank Webster, “o novo consenso deve ser construído na firme fundação do ‘saiba seu lugar’ e abandonando expectativas ‘irrealistas’” (1989, 129, tradução nossa).

Este artigo fará um cotejo desse encontro através de um caso exemplar, o de Raymond Kurzweil. Inicialmente, serão abordados contextualmente alguns pressupostos da cultura *sci-fi* na qual se formam esses discursos¹¹. Depois, será dada uma atenção à discussão da importância da biografia do profeta, Kurzweil, na intenção de analisar a importância do tema do guru fundador, do profeta, na construção social do otimismo com a tecnologia junto com a nova ideia de personalidade. Em seguida, serão analisados, a partir dos pressupostos anteriores, as modalidades de consciência histórica que se propagam através

⁹ Na mesma direção vai a perspectiva de *Depois da virtude*, de Alasdair MacIntyre (2001). Reanimando a figura do filósofo mais profético do que técnico do pensamento, MacIntyre analisa os privilégios de funções sociais como a do administrador e do terapeuta. Tais ofícios têm seus padrões de excelência estabelecidos no âmbito da gerência dos meios, sem comprometimento com a reflexão dos fins que serão perseguidos pelas instituições e dos indivíduos. O livro de MacIntyre termina com um elogio comunitarista à vida distante dos grandes centros urbanos típicos das sociedades modernas.

¹⁰ Em nome da concisão deste artigo, optamos por não desenvolver, no corpo do texto, um debate extenso sobre o conceito de neoliberalismo. Assumimos, contudo, a leitura de Dardot & Laval (2016) de que se trata não apenas de um tipo de organização econômica mas também de uma nova racionalidade, capaz de formar e conformar uma antropologia própria. Sobre a pluralidade semântica do termo “neoliberalismo” ver: Cahill; Cooper; Konings; Primrose (2018); Dardot e Laval (2016) e Mirowski, Plehwe (2009).

¹¹ Vale mencionar que existe, em língua portuguesa, um significativo acervo – em permanente construção – de análises da cultura *sci-fi* no site *CineGnose* (<http://cinegnose.blogspot.com/>, acessado em 16/05/2022, às 16h30). Os artigos são, em sua imensa maioria, de autoria de Wilson Roberto Vieira Ferreira e estendem o universo explorado por sua dissertação de mestrado na qual o autor elucidou a presença de elementos gnósticos em diversas produções cinematográficas. De modo nada casual, Ray Kurzweil é *persona* frequentemente mencionada nos textos de Wilson Ferreira sobre a cultura *sci-fi* contemporânea.

deles: o agenciamento de si no futurismo, a questão da tecnologia e, finalmente, o tipo de relação entre destino histórico e destino individual que parece presidir esse arranjo. No fim, uma pergunta mais ampla preside esse percurso: seriam os futuristas a modalidade mais bem acabada de um regime de historicidade orientado para o futuro ou, mais efetivamente, os profetas do futuro tecnológico poderiam ser mais bem pensados se interpretados na chave de um novo romantismo, acomodado aos tempos atuais mas ainda profundamente imbuído da escatologia do tempo que caracteriza a ideia de singularidade, de Wilhelm Dilthey a Raymond Kurzweil, com uma parada estratégica no niilismo nietzschiano? Nossa hipótese é que os futuristas não são os profetas do futurismo, mas do *atualismo* (Araujo & Pereira 2017; 2021), e de que a construção e a fortuna pública desse imaginário tem como espinha dorsal a ideia de que a biografia de um indivíduo exemplar é nada menos do que uma reprodução em micro escala da biografia do mundo: nos dois casos trata-se, como veremos, de naturalizar a crença de que é na inexorabilidade da transformação tecnológica em que precisamente reside a liberdade do indivíduo ultra moderno, na sua liberdade de manter-se sempre atualizado. Em outros termos, *there's no alternative*. “Não é apenas algo longínquo, mas um presente genuíno dos deuses. Margaret Thatcher falou de forma esclarecedora ao cortejar seu público com a seguinte analogia: ‘A Tecnologia da Informação é amigável: oferece uma mão amiga; deve ser abraçada’” (apud Robins; Webster 1989, 25, tradução nossa). E, se não há alternativa, a melhor opção, porque a única, é deixar-se agraciar por um futuro fantástico na qual, nos termos de Antonio Dieguez (2017), uma enorme confiança na capacidade transformadora do indivíduo compartilha uma proporcional despreocupação pela dimensão coletiva do futuro.

A CONSTRUÇÃO DA *PERSONA*

Não é incomum que se associe a “era das máquinas” ou o “mundo digital” a um processo de impessoalização e perda de vínculos. A despeito desse discurso, que eventualmente assume feições públicas associadas à certo saudosismo (Noble 1995; Keen 2007; Gumbrecht 2015), o conceito de *pessoa*, traduzido como um individualismo radical e criador, é central no universo da inovação no qual se inserem os chamados *futuristas*. Muito antes de que seus principais representantes, como Raymond Kurzweil, Hans Moravec, Nick Bostrom e, mais recentemente, Elon Musk, lançassem as bases proféticas de seu mundo “exponencial”, esse processo de incorporação da ideia de personalidade ao universo da inovação tecnológica já vinha se concretizando através da própria ideia de “gestão pessoal”. Essa pontuação foi feita por Eve Chiapelo e Luc Boltanski (1995), em análise sobre os *managements discourses* dos anos 1990, nos quais percebem uma importante mudança no “ethos” do universo empresarial. A pessoa, sinteticamente, entendida como conceito central do mundo *business*, não é antinômica com o universo simbólico das empresas ultramodernas do Vale do Silício ou de sua, digamos assim, visão de mundo, resumida por futuristas como Kurzweil. Ao contrário, é a partir dessa “retotalização” ou dessa valorização de uma personalidade irreduzível que se gera um otimismo pragmático, perceptível em vários dos discursos futuristas – especialmente no de Ray Kurzweil, que nos interessa mais diretamente nesse momento. Esse otimismo, operacionalizado pela dinâmica de uma indústria que se atualiza o tempo todo, garante discursivamente o triunfo da espontaneidade frente à

burocracia. Nesse momento do artigo desenvolveremos a ideia de uma imbricação estrutural entre a ideia de *persona* e o apelo social do otimismo tecnológico de Kurzweil.

De saída, é importante mencionar que Kurzweil não está sozinho na produção de uma imensa bibliografia de divulgação dos benefícios da inovação tecnológica. Em *The new new thing* lemos, por exemplo, que se o futuro está sendo criado, ou seja, não está inscrito na natureza das coisas, deve-se esperar que seja um futuro pelo qual ansiamos (Lewis 2010). Nesse futuro, coexistem uma teleologia escatológica do fim da história (que passa a ser entendida na chave do inevitável processo de transubstancialização dos seres humanos com as máquinas) e uma vigorosa ideia de agência histórica. Esse agente, todavia, se torna propriamente uma *persona* quando se torna o indivíduo pelo meio do qual o inexorável (nesse caso, o mundo organizado a partir da inteligência artificial) se expressa¹². Mas, o que essa expectativa nos conta sobre o universo mais amplo das expectativas de futuro geradas na cultura digital e, ainda, sobre seu representante mais proeminente, Raymond Kurzweil?

Para responder a essa questão, seria preciso contextualizar a emergência de determinada cultura em torno da expectativa digital, que não se restringe às obras de divulgação de um futuro feito à imagem e semelhança das máquinas, na medida em que possui ancoragens sociais e políticas bastante evidentes no crescimento da indústria de tecnologia digital. O Vale do Silício, situado nas montanhas da Califórnia, na região do Palo Alto, ganhou destaque no imaginário do fim dos anos 2000 graças a sua consolidação como polo tecnológico e sede das principais empresas de informática do mundo. Nos termos de Castells e Halls “um modelo heróico de inovação a serviço do crescimento econômico dinâmico... O epítome popular da cultura empreendedora, o lugar onde novas ideias nascidas em uma garagem podem transformar adolescentes em milionários, enquanto muda a maneira como pensamos, vivemos e trabalhamos” (1994, 12, tradução nossa)¹³. Foi importante, nessa estruturação, a Universidade de Stanford que, desde os anos 1960, é um polo de concentração de engenheiros e aficionados por tecnologias e empresas de software. Com a revolução do computador pessoal, nos anos 1970, e o grande afluxo de verbas públicas e privadas para o desenvolvimento de tecnologia militar dos anos 1980, o Vale do Silício se consolida como um símbolo da “nova economia” do mundo globalizado. Nos termos de Lewis “na segunda parte dos anos 90 o Vale do

¹² Como salientam, nesse sentido, Schmidt & Cohen “digital empowerment will be, for some, the first experience of empowerment in their lives, enabling them to be heard, counted and taken seriously—all because of an inexpensive device they can carry in their pocket”. (2013). Em síntese, o argumento é de que a tecnologia favorece e favorecerá ainda mais os cidadãos frente a possíveis tentativas autoritárias de governos, sobretudo através do desenvolvimento de uma efetiva personalidade virtual que, eventualmente, organizará as outras.

¹³ Conforme observa Joseph Fell (1979), há uma variação niilista do heroísmo que pode ser encontrada em Heidegger e, antes deste, em Nietzsche, nas suas respectivas ideias “antecipação resoluta da morte” e de “*amor fati*”. Em uma e outra perspectiva, se trata de uma sintonização profunda com “a natureza das coisas” e, por meio dessa sintonização, uma superação de certa condição vulgar do existir inautêntico. Se por um lado o futurismo transhumanista é muito mais uma tentativa de reprogramação e controle da realidade do que uma sintonização com sua natureza, por outro lado, a otimização exponencial que se anuncia no horizonte desse processo aponta para formas de racionalidade nas quais as ações eletivas já em nada se assemelharão àquelas que conhecemos. O caráter absoluto da racionalidade otimizada teria, por assim dizer, um tal poder de estrangimento que, em último sentido, é sua dialética interna que parece estabelecer os fins aos quais caberá, para os sujeitos, a mera tarefa de busca de uma ótima sintonia – sintonia típica do heroísmo niilista.

Silício tinha a mesma atmosfera de centro-do-universo que Wall Street tivera em meados dos anos 80” (Lewis 2000, 13, tradução nossa).

Em síntese, o vale do silício funciona como uma espécie de produtor de imaginários, e não apenas de chips ou circuitos integrados. Reconhecer esse impacto cultural, para além do impacto propriamente tecnológico, é importante para contextualizar debates que vem sendo feito, inclusive, em disciplinas bastante distantes da Inteligência Artificial ou mesmo da Mecânica Quântica. Para Dieguez, é possível encontrar desdobramentos dessas questões em correntes filosóficas como o transhumanismo, pois “alguns chegam a considerá-la a visão de mundo própria da época pós-moderna, dominada pelo culto da técnica; a única grande narrativa possível em razão do descrédito em que caíram todas as demais” (2017, 13, tradução nossa). Entendido como uma espécie de projeto de salvação laica, a interação entre homem e máquina canaliza desejos difusos de atualização e melhoramento de performance e, além disso, como também ressalta Dieguez, é uma utopia que exige relativamente pouco de seus praticantes e, em troca, oferece uma verdadeira remodelação da relação entre sujeitos e natureza.

Dieguez destaca, ainda, que essa discussão pode ser vista em campos distintos, na filosofia, na antropologia e mesmo na história. Esses debates se ancoram em uma crítica do humanismo moderno, ao qual é atribuída uma visão sumariamente parcial, etnocêntrica, da própria ideia de sujeito. A partir do questionamento das dicotomias clássicas dessa tradição, autores como Michel Foucault e Jacques Derrida estão na dianteira de um amplo movimento que, hoje, questiona a injustiças epistêmicas que essas dicotomias engendram e que, conceitualmente, teriam colapsado diante das novas configurações do mundo do discurso. Um desdobramento importante dessa corrente pode ser encontrado em Donna Haraway, e sua ideia de um “feminismo cyborgue”. Essas discussões acadêmicas, desenvolvidas nos departamentos de ciências humanas, coexistem com uma outra face da cultura pública do mundo digital, uma face, digamos, mais técnico-científica. Nesse campo encontram-se disciplinas como a Engenharia Genética e a Inteligência Artificial e seus vultosos fluxos de financiamento. Nesse campo, o debate também se bifurca em uma seção propriamente técnica e uma outra, essa com uma circulação mais ampla no imaginário popular, que se projeta a partir dos chamados futuristas, um misto de empresários e divulgadores científicos que ajudam a difundir e consolidar a aceitação dos horizontes tecnológicos.

Dado que o campo de imbricação entre futurismo, *sci-fi* e vale do silício é ampla, e tem desdobramentos em diferentes áreas do conhecimento, poderíamos nos perguntar: por que centrar nossa atenção em Raymond Kurzweil? Geralmente a atenção dos historiadores se volta para os debates internos, da crítica do sujeito universal e de seus desdobramentos conceituais. Contudo, para contextualizar melhor esses debates, inclusive na intenção de entender como ele se tornou um corolário aceito por pessoas fora da universidade, um *topoi* comum da cultura contemporânea, consideramos que Kurzweil se transforma em um poderoso observatório, justamente porque encarna exemplarmente a tensão entre os campos acadêmico e não-acadêmico e a extrapolação, que ocorre a partir dos anos 1980, das fronteiras do laboratório para os noticiários e as obras de grande tiragem que povoam as rodovias e aeroportos.

Raymond Kurzweil nasceu em Nova York, em 1948, filho de refugiados judeus que vieram da Áustria para o bairro do Queens. Seus pais eram artistas e seu tio, um famoso engenheiro. Dessa combinação, segundo a autobiografia de Kurzweil, surgiu um interesse precoce pela tecnologia e pelo universo dos computadores. A história de Kurzweil é recheada daquilo que Pierre Bourdieu (2017) poderia chamar de *ilusão biográfica*, ou seja, uma atribuição de sentido, *a posteriori*, das escolhas de uma vida. Sempre que sua história é contada – e ela comparece como motivação em todas as suas obras – encontramos um adolescente genial e um inventor precoce, para quem o sistema de ensino não oferecia possibilidades suficientes de realização (nesse ponto, vale notar, Kurzweil se associa a uma longa lista de “profetas” como Bill Gates e Steve Jobs, para os quais a espontaneidade da construção da persona também é, a seu modo, um elogio do gênio que não se rende às instituições). Kurzweil foi pioneiro no desenvolvimento de softwares para a IBM, ainda nos anos 1970 e, a partir desse momento, torna-se um dos principais nomes de áreas como o reconhecimento óptico de caracteres, síntese de voz, reconhecimento de fala e teclados eletrônicos. No total, detém agora 39 patentes, com 63 novos pedidos e 12 doutorados *honoris causa*. Além disso, ele foi empossado na Galeria da Fama dos Inventores Nacionais em Ohio e recebeu o prestigioso Prêmio Lemelson-MIT.

Na década de 1980, todavia, sua atuação deu um salto, e tornou-se parte de um projeto pessoal mais ambicioso que comportava, para além do desenvolvimento de programas e softwares, uma interpretação da relação entre seres humanos e tecnologia. Ele percebeu que as invenções baseadas nas tecnologias atuais estariam ultrapassadas no momento em que chegassem ao mercado. Seu verdadeiro sucesso dependia de prever onde estaria a tecnologia dentro de três a cinco anos e basear seus projetos nessa previsão. Em obra de 1999, *A era das máquinas espirituais*, Kurzweil estendeu aquele projeto profético aos anos 2009, 2019, 2029 e 2099. Nesse momento, consideramos que nosso personagem se projeta de seu campo de atuação original para um outro, com muito mais porosidade cultural, que se situa na fronteira entre o conhecimento disciplinar das indústrias de tecnologia de ponta e a dimensão pública da profecia.

Kurzweil adiciona, a partir de uma série de obras sobre a interação entre indivíduos e máquinas – que serão abordadas na próxima seção – uma dimensão propriamente pública para o discurso tecnocientífico. Sua profecia, a de um futuro melhor porque menos submetido às intempéries da condição humana, como a morte, encontra-se com uma poderosa demanda *fin de siècle* que facilita sua ampla circulação. As promessas que sua teoria exponencial engendra envolvem, entre outras coisas, a aceitação de uma evolução inexorável, na qual o futuro antes pintado como distópico (para usar o imaginário de uma rebelião das máquinas) é transformado em um desejável e amistoso encontro entre seres humanos e seus avatares. Desse encontro nasceria a superação das limitações humanas, como a memória e o envelhecimento do corpo, por exemplo. Tudo se passa como se a visão de mundo kurzweiliana implicasse, portanto, em uma filosofia da história muito especial, na qual a secularização dos aspectos escatológicos já não é operada apenas pela substituição de um vocabulário teológico por um histórico e político: em Kurzweil, os homens só fazem a História na medida em que se sintonizam com o modo pelo qual são feitos por ela segundo uma racionalidade matemática e matematizável, em um horizonte de expectativas que envolve também uma substituição do avanço das

capacidades que antes eram exclusivamente humanas e que, agora, são compartilhadas pelas máquinas.

Chama atenção, na construção dessa figura profética, o uso da história pessoal como prova. O pai de Kurzweil, morto precocemente por uma patologia cardíaca, é descrito como sua motivação principal: o jovem inconformado com as habilidades não desenvolvidas e o talento não reconhecido do pai, ou seja, uma motivação profundamente pessoal, ajudam a lastrear uma concepção de futuro tecnológico que passa, insistimos, pela reavivação da ideia de personalidade. Essas motivações ultra pessoais da ciência, quase humanitárias, fazem coro ao argumento de Steve Shapin sobre a reatualização do carisma que se opera na ciência contemporânea. Em seus termos, “familiares e suas virtudes *sempre* foram pertinentes para a produção, manutenção, transmissão e atribuição de autoridade em questões de conhecimento. Afinal, em quem mais se poderia confiar em termos de integridade e competência?” (Shapin 2008, 4, tradução nossa). Kurzweil oferece, nesse sentido, a possibilidade de uma ciência acolhedora, que se resente da morte e da angústia do perecimento do corpo, aproximando a imagem do cientista das questões existenciais das quais ninguém escapa. Essa operação permite uma reatualização do carisma científico, da figura do guru à qual tantas vezes recorre a literatura de divulgação científica. Mas não mais um guru místico, mas um que maneja uma linguagem científica, adicionando camadas de confiabilidade às previsões que se quer colocar em circulação. Se é fato, como pontua Golumbia (2009), que nas seções acadêmicas da filosofia ou mesmo da Inteligência Artificial pouca gente valida a posição de Kurzweil, é precisamente essa posição de *outsider* em relação ao cânone acadêmico que o coloca em posição favorável do ponto de vista da cultura mais ampla, porque se beneficia de uma *desconfiança* culturalmente disseminada em relação ao cientista técnico, apartado das questões ordinárias da vida comum.

Peter Thiel, um dos mais famosos adeptos das profecias socio-tecnológicas de Kurzweil, sintetiza os efeitos públicos do discurso do futurista do Queens. Contrariando os cenários negativos e distópicos, nos quais as máquinas não se comportam como gostaríamos e acabam gerando um cenário de catástrofe, o fundador do PayPal e leitor de René Girard nos conta que:

O aspecto que a Singularidade teria importa menos que a dura escolha que enfrentamos hoje entre os dois cenários mais prováveis: nada ou algo. Depende de nós. Não podemos aceitar como verdade absoluta que o futuro será melhor, o que significa que precisamos nos esforçar para criá-lo hoje. Se vamos alcançar a Singularidade em escala cósmica talvez seja menos importante do que aproveitarmos as únicas oportunidades disponíveis de fazer coisas novas em nossas próprias vidas profissionais. Tudo de importante para nós — o universo, o planeta, o país, sua empresa, sua vida e este próprio momento — é singular (Thiel 2014, 165).

Nesse momento, poderíamos nos perguntar: o que há de mais singular, nesse universo de recuperação da persona, do que a própria biografia? Queremos supor que ela ajuda a construir a imagem do antiburocrata espontâneo e ao mesmo tempo predestinado, numa mistura de vontade de potência com má-fé. A má-fé, aqui pensada em um sentido muito próximo àquele com o qual Jean-Paul Sartre (2014, 2008) usa o conceito, envolve um tipo de engano de si que se traduz em crenças e convicções sempre muito convenientes. No caso em questão, parece operar a crença de que o indivíduo não é perpassado pelo acaso e pela contingência desde que surge no mundo, mas, ao contrário, tudo se passa como se o indivíduo singular fosse singular em razão de uma vocação e um

destino especiais e que o vinculam a uma tarefa que só ele poderia realizar, uma tarefa que permaneceria irrealizada se ele não tivesse nascido e vivido para assumi-la. A ilusão biográfica, aqui, não é apenas o sentimento de que a vida se desenrola como uma história na direção de um desfecho mais ou menos bom. A singularidade tal como pensada por Kurzweil e Thiel presume ainda uma outra camada, na qual não é só o destino romanesco de uma vida que se decide em termos de vocação e destino, mas, no limite, é o futuro da humanidade inteira que depende da tomada de consciência e da iniciativa dos eleitos vocacionados e insubstituíveis.

A imagem do excêntrico, ademais, é a própria imagem da singularidade. Essa combinação de fatores lastreia a ideia de profecia autorrealizável que perpassa não apenas as biografias proféticas do Vale do Silício mas também um de seus corolários sociais mais fundamentais: *there's no alternative*. O futuro desenhado pela futurologia de Kurzweil é, em suma, uma profecia autorrealizada: é bom pois é inevitável. Essa estrutura de pensamento, como sabemos, se reproduz em outros âmbitos do mundo social: nos ajustes fiscais, no aumento da produtividade do trabalho, etc. Na próxima seção, buscaremos apresentar de que maneira essa imbricação entre uma teoria do futuro inevitável elaborado à imagem e semelhança das biografias de sucesso pôde se tornar uma espécie de filosofia pública da história. Através de algumas obras de Kurzweil, tematizaremos o encontro estrutural entre sua profecia e aquela profecia mais ampla, mais difusa, que a partir dos anos 1980 aparece nos discursos políticos do neoliberalismo. A hipótese é que a ausência de futuro que caracteriza esse contexto foi capaz de gerar uma demanda por profecias como as de Kurzweil, que encarna como poucos a imagem do profeta abnegado.

O FUTURO É MELHOR DO QUE VOCÊ IMAGINA

Kurzweil é um escritor profícuo. Ao longo da vida transitou entre vários âmbitos da indústria de inovação tecnológica e, como nossa hipótese sugere, a partir dos anos 1990, integra um poderoso esforço editorial em torno da divulgação cultural do universo técnico das indústrias de ponta. Kurzweil, todavia, não é divulgador científico qualquer, já que não divulga qualquer ciência, e sim uma ciência própria, baseada no princípio da exponencialidade. Não haveria espaço nesse momento para apresentar e discutir todas as suas obras, de modo que nos ateremos àquelas que se dedicam pontualmente ao tema da inevitabilidade de um futuro híbrido entre humanos e máquinas, associação que, como sustentamos, comporta uma filosofia da história modular baseada na ideia de “singularidade”.

O termo técnico “singularidade” é oriundo da matemática, e se refere inicialmente a um valor que transcende todas as limitações finitas. O termo é usado também na astrofísica, para descrever e quantificar fenômenos como a supernova. Mais recentemente, o campo da biotecnologia – no qual se insere mais decisivamente Kurzweil – vale-se no termo para descrever o momento preciso no tempo em que a tecnologia criará uma tecnologia superior à inteligência humana que a criou. Nosso futurista combina esses usos técnicos com uma outra ferramenta teórica extraída do campo da física: a lei de Moore. Efetivamente, leitores técnicos apontam para um uso equivocado desses termos por Kurzweil, sobretudo tomando leis da física como leis da história e, também na imprensa mais ampla, suas teses são eventualmente tema de resenhas

negativas¹⁴. No nosso caso, todavia, não se trata de julgar o acerto das teses de Kurzweil mas, ao contrário, de compreender como é precisamente esse uso “livre” de termos técnicos que fornece ao nosso profeta a capilaridade necessária para colocar em circulação uma ciência própria, que traz consigo uma ideia de destino histórico e, com ele, um modelo de agência culturalmente poderoso.

Em *How to Create a Mind: the secret of human thought revealed* (2012), Kurzweil ensaia uma análise evolucionista das disciplinas científicas: da biologia celular à física, passando pela análise química dos elementos primordiais, Kurzweil posiciona o cérebro humano nessa cadeia evolutiva a partir do uso e manejo de ferramentas. É através dele, supõe Kurzweil, que nos posicionamos com prioridade evolutiva, já que adquirimos a capacidade de crescimento infinito (exponencial). Já nesse primeiro ensaio, opera um componente de destino histórico que conecta causalmente o início da vida biológica com os computadores, como se o segundo fosse, invariavelmente, um resultado óbvio do primeiro. Em seus termos:

The evolutionary process of technology led invariably to the computer, which has in turn enabled a vast expansion of our knowledge base, permitting extensive links from one area of knowledge to another. The Web is itself a powerful and apt example of the ability of a hierarchical system to encompass a vast array of knowledge while preserving its inherent structure. The world itself is inherently hierarchical—trees contain branches; branches contain leaves; leaves contain veins. Buildings contain floors; floors contain rooms; rooms contain doorways, windows, walls, and floors (2012, 10).

Dada essa descrição, o grande projeto de Kurzweil é a engenharia reversa do cérebro humano. Nesse ponto, é interessante notar que se mistura, na escolha dos termos e nas operações de enquadramento do argumento, um apelo bastante técnico (a linguagem da biologia e dos componentes químicos das interações cerebrais), e um recurso a termos oriundos de outros campos, como a filosofia. Essa operação é importante na medida em que se trata de reduzir questões como a liberdade ou a ideia de vontade individual a estímulos puramente biológicos, depurando questões existenciais a partir do conjunto de premissas da engenharia genética. Tome-se como exemplo essa discussão sobre livre-arbítrio, que aparece, em seu argumento, como prova irrefutável da submissão de questões existenciais a soluções exclusivamente evolucionistas:

¹⁴ Como exemplo, é possível consultar: <https://www.newyorker.com/books/page-turner/ray-kurzweils-dubious-new-theory-of-mind>. Acessado em 22 de maio de 2022. Uma vez mais, cabe lembrar a perspectiva de Koselleck, especialmente em seu ensaio intitulado *A temporalização da utopia* (2014, 121ss). No texto, o historiador alemão mostra como aspectos da utopia imaginada por Louis-Sébastien Mercier em 1770 aparecem, menos de 150 anos depois, como aspectos de uma *distopia* na obra de Carl Schmitt. Além da completa inversão do que parecia contar como imagem idílica de futuro, chama atenção a confusão entre desejo, profecia e prognóstico na imaginação de Mercier, que ainda não contava com o enquadramento matematizante de um progresso exponencial. A moldura da teoria da história de Koselleck permite que se mantenha permanentemente viva a questão acerca do quanto de desejo – eventualmente de *wishful thinking* – há sempre presente nos prognósticos aparentemente mais calculados e objetivos. Sob a luz dessa questão, tanto a utopia de Mercier foi – incidentalmente, vale dizer – revisada por Schmitt quanto a de Kurzweil pode ser revisada ano após ano, dia após dia, em um enquadramento estatístico. A falta de credibilidade científica das especulações de Kurzweil, nesse sentido, ao lhe retirar o lastro de plausibilidade, empurra sua perspectiva para longe dos prognósticos sérios e a aproxima do domínio das profecias.

Outra questão pertinente sobre a mente é: o que é livre-arbítrio, e nós o temos? Existem experimentos que parecem mostrar que começamos a implementar nossas decisões antes mesmo de estarmos cientes de que as tomamos. Isso implica que o livre-arbítrio é uma ilusão? Por fim, quais atributos do nosso cérebro são responsáveis pela formação da nossa identidade? Eu sou a mesma pessoa que eu era seis meses atrás? Claramente não sou exatamente o mesmo que era então, mas tenho a mesma identidade? Vamos rever o que a teoria do reconhecimento de padrões da mente implica sobre essas questões antigas. (2012, 11, tradução nossa)

A resposta a essas perguntas, que podem ser encontradas em diferentes modulações em milênios de tradição filosófica, é colocada, já no epílogo, de forma categórica, apta a satisfação de uma audiência ansiosa: “inteligência pode ser definida como a habilidade de resolver problemas com recursos limitados, na qual um recurso chave é o tempo” (2012, 135, tradução nossa). O argumento final dessa obra é que nosso pessimismo em relação ao futuro tem a ver com o fato de que temos mais consciência dos problemas. Essa dimensão cultural do medo, segundo Kurzweil, só pode ser combatida a partir da redução da ideia de futuro aberto à ideia de planejamento. Com poucas alternativas, afinal, há também pouco espaço para a incerteza e para a dúvida. É a isso que ele se dedica na obra *The Singularity is Near*, publicada em 2005.

The Singularity is near começa com um importante prólogo autobiográfico. Nela, a ideia de que o universo da tecnologia reabilita a ideia de gênio e a ética da espontaneidade irmana-se com a crítica da burocracia que, na concepção de Kurzweil, pode aparecer como um entrave à criatividade. A pergunta de Kurzweil, reveladora de suas ambições, é sintomática: Quem escolhe não poder tudo? Qual indivíduo, posicionado em tal ponto da evolução, pode, sem má-fé, não se tornar imoral diante das imensas possibilidades que a tecnologia oferece? Nos termos de Kurzweil, esse livro é “a história do destino da civilização homem-máquina, destino que viemos a chamar de Singularidade”. Essa singular “história do destino” é narrada de forma evolutiva, similar às antigas previsões comtianas ou spenglerianas em torno das “épocas históricas”. Tal moldura teórica evolucionista funciona, no argumento de Kurzweil, para definir a própria noção de singularidade como um ponto específico no tempo. Em seus termos:

O que, então, é a Singularidade? É um período no futuro em que o ritmo da mudança tecnológica será tão rápido, seu impacto tão profundo, que a vida humana sofrerá mudanças irreversíveis. Embora nem utópica, nem distópica, essa época irá transformar os conceitos de que dependemos para dar sentido a nossas vidas, desde nossos modelos de negócio até o ciclo da vida humana, incluindo a própria morte. Entender a Singularidade irá alterar nossa perspectiva do significado de nosso passado e das ramificações de nosso futuro. Entendê-la de verdade muda essencialmente nossa visão da vida em geral e da nossa própria vida. Considero alguém que entende a Singularidade e que refletiu sobre as implicações dela na sua vida como um “singularitariano” (2018, 26).

A tese de Kurzweil, sinteticamente, é de que a tecnologia é exponencial, cresce em progressão geométrica: quanto mais, mais. Nosso cérebro, ao contrário, é lento: Isso torna demasiado limitada a largura de nossa banda biológica para processar novas informações quando comparada ao crescimento exponencial de toda a base do conhecimento humano. A singularidade, nesse sentido, é o que nos permite transcender essa limitação biológica, adaptando nós

mesmos a essa nova condição em que “viveremos, tecnologicamente, 25 mil anos em 100”.

No capítulo 7, intitulado *Ich bin ein Singularitarian*, Kurzweil arrisca uma ética do singulariano. Em seus termos, “o singularitarianismo não é um sistema de crenças ou pontos de vista unificados. Ele é fundamentalmente um entendimento das tendências básicas de tecnologia, ao mesmo tempo que é uma reflexão que nos faz repensar tudo, desde a natureza da saúde e da riqueza até a natureza da morte e do próprio eu” (2018, 612). Trata-se, portanto, de um sistema, de uma visão de mundo que integra distintas esferas da vida social e pessoal, e não apenas de um modelo endógeno de replicação tecnológica. A orientação de Kurzweil é em direção à melhora contínua e a superação das condições limitadoras da nossa humanidade, no limite a superação da própria morte. Chama a atenção, nesse sentido, o recurso recorrente à Nietzsche para prevenir-se de possíveis atitudes de resistência em relação à essa melhoria que se impõe. Os “sentimentos anti-tecnologia” seriam o resíduo de um mundo que opta pelo sofrimento e pela limitação e, nesse caso, o resíduo de um mundo que não se conecta com a dimensão propriamente humana do destino histórico: a vontade de ir sempre além, sempre em direção ao mais novo¹⁵. Em seu argumento, enfim, o mundo da Singularidade, no qual a fronteira entre humanos e máquinas inexiste, não seria um mundo pós humano. Seria, ao contrário, um mundo “demasiadamente humano”.

É certamente temerário transpor categorias da psicanálise para a análise de fenômenos sociais. Todavia, se o próprio pai da psicanálise o fez – e o fez de um modo que motivou tradições inteiras a encontrar inspiração em suas análises psicossociais –, parece ser possível, em um nível de análise *atitudinal*, reconhecer certos traços psíquicos e atmosferas afetivas na base da cosmovisão futurista de nossos personagens. Nesse sentido, esse sentimento de desacordo com a própria condição humana parece apontar para traços *melancólicos* e afetos *ressentidos* na base da constituição da perspectiva futurista. Se em seu ensaio sobre a temporalização da utopia Reinhart Koselleck (2014) já apontava para um traço *compensatório* na raiz da visão de futuro observável na utopia de Louis-Sebastien Mercier ainda no final do século XVIII, Ernildo Stein subscreve esse aspecto compensatório e acrescenta que assim como “a utopia, na sua crise e seu desaparecimento, gera melancolia” bem como a própria melancolia “gera em si processos utópicos” (2015, 65). Se, conforme Maria Rita Kehl, “os melancólicos parecem sentir necessidade de alardear suas baixeiras e sua indignidade” e exibem “satisfação sádica em insultar e humilhar o ego” (2011, 20), o utopismo de nossos futuristas não se contenta com a humilhação do próprio ego, produzindo uma perspectiva na qual é a própria condição humana que merece ser condenada por sua precariedade e finitude. O traço melancólico, reiteramos, aparece envolto em uma atmosfera de ressentimento na medida em que a humanidade aparece, no discurso futurista, como vítima inocente da própria “natureza das coisas”. Ainda conforme Kehl, “o ressentido traduz a falta como *prejuízo* cuja responsabilidade é sempre de um outro contra quem ele dirige insistentemente

¹⁵ Para usar os termos de Bruno Latour, essa concepção de progresso científico deve sua fortuna também a uma confusão causada por uma leitura excessivamente objetivista da ciência, que supõe que o distanciamento da confusão seria progressivo, confusão essa causada pela pouca objetividade. Então, qualquer alerta para considerações sobre a imbricação da objetividade com a subjetividade (ou mesmo análise política dos fins) seria algo como uma antimodernidade. “Até que disponhamos de uma alternativa à noção de progresso, por provisória que seja, os guerreiros da ciência sempre conseguirão pespegar aos estudos científicos o estigma infame de reacionários” (Latour 2001, 231).

um rosário de queixas e de acusações” (2014, 43). Esse outro, responsável pelas faltas experimentadas como prejuízo, não é, no discurso futurista, nada menos do que a própria natureza que nos legou tão precária condição. Se Nietzsche parece inspirar os futuristas com seu ideal de “além do humano”, por outro lado, os futuristas parecem ter compreendido mal, caso tenham se interessado, pelas análises nietzscheanas do ressentimento. Reconstruindo essas análises, Kehl nos lembra que no ressentimento, o outro que considero *culpado* pela minha condição prejudicada contrai uma “dívida que permanece impagável” porque “a compensação reivindicada é da ordem de uma vingança projetada no futuro, uma vingança adiada” (123). Poderíamos dizer que a vingança futurista contra a vil natureza não é apenas adiada, mas planejada segundo uma métrica estatística de prognósticos sobre os desenvolvimentos tecnológicos e científicos por meio dos quais tal vingança é preparada.

Finalmente, cabe um comentário sobre *A era das Máquinas espirituais*, publicado em 1998. A orelha do livro é reveladora do potencial editorial do empreendimento: “na gíria norte-americana do marketing, Kurzweil seria um *preacher*: faz uma verdadeira pregação religiosa de suas crenças. E como todo bom pregador, consegue deixar seus fiéis arrebatados” (2007). Chama a atenção, dentre os muitos elogios da capa, um bastante específico, feito por ninguém menos que Bill Gates: “Kurzweil oferece uma análise instigante da inteligência humana e artificial, e um olhar único para um futuro no qual as capacidades do computador e da espécie que o criou ficarão ainda mais próximas uma da outra.” (2007).

No que parece ser a obra mais diretamente ligada à consolidação de uma profecia pública em torno do futuro tecnológico do mundo, o prólogo do livro se intitula, sugestivamente, “uma emergência inexorável”. Nele, lemos que a obra trata da questão da morte e, por consequência, da própria condição humana:

A morte, por exemplo. Grande parte de nosso esforço consiste em evitá-la. Fazemos esforços extraordinários para atrasá-la e, na verdade, costumamos considerar sua intrusão um acontecimento trágico. Mas acharíamos difícil viver sem ela. A morte dá sentido às nossas vidas. Ela dá importância e valor ao tempo. O tempo se tornaria sem sentido se fosse demasiado longo. Se a morte fosse afastada indefinidamente, a psique humana acabaria como o jogador nesse episódio de Além da Imaginação. Ainda não temos este problema. Hoje em dia não nos falta nem morte nem problemas humanos. Poucos observadores acham que o século XX nos deixou algo de bom. Existe uma prosperidade cada vez maior, alimentada não por acaso pela tecnologia da informação, mas a espécie humana ainda é desafiada por problemas e dificuldades que não são inteiramente diferentes dos problemas e dificuldades com os quais tem lutado desde o início de sua história registrada (2007, 14-15)

É nessa obra que Kurzweil expõe sua aplicação “heterodoxa” da lei de Moore para se referir ao destino inexorável da civilização humana e de seu híbrido, o homem-máquina. Recuando à própria criação do universo (capítulo 1), Kurzweil imagina uma teleologia organizada a partir da evolução tecnológica. Nos capítulos seguintes, as inovações vão sendo comprimidas no tempo com o auxílio das ferramentas computacionais e, já a partir do capítulo 5, Kurzweil se dedica a combater o medo, que ele imputa a uma espécie de pessimismo comodista (ou uma “crença limitante”), que algumas pessoas nutrem em relação ao futuro híbrido que se impõe. Seus exemplos são reveladores:

Haveria nostalgia por nossas humildes raízes com base em carbono, mas também existe nostalgia por discos de vinil. No fim das contas, acabamos copiando a maioria daquela música analógica para o mundo mais flexível e capaz das informações digitais transferíveis. O salto para transportarmos nossas mentes para um meio computacional mais capaz acontecerá de modo gradual, mas inexorável (2007, 162).

A posição do nostálgico, nesse argumento, não é uma posição de agência. Nesse sentido, não é como se o nostálgico pudesse elaborar maneiras de não-participação no mundo, pois a mudança se coloca de forma inexorável. O que resta ao nostálgico, nesse sentido, é uma vida em sofrimento, vida que, sugere Kurzweil, não é racional escolher¹⁶. O livro segue elencando uma série de profecias para o futuro, elaboradas num intervalo de dez anos. Em 2009, por exemplo:

Estamos em 2009. Um computador pessoal de 1.000 dólares pode executar cerca de 1 trilhão de cálculos por segundo. Os computadores estão embutidos em roupas e em jóias. A maioria das transações comerciais rotineiras acontece entre um humano e uma personalidade virtual. Telefones com sistemas de tradução são usados normalmente. Músicos humanos costumam fazer *jam sessions* com músicos cibernéticos. O movimento neoludita está crescendo. (2007, 9)

Conforme Robins & Webster, “aqueles que recusam este prognóstico, que permanecem xingando e zombando das possíveis características possivelmente negativas das Lts, são desprezados à maneira dos hereges. Eles são castigados como ‘futuros inimigos’ que sofrem da demência de ‘tecnofobia’” (1989, 24). Kurzweil entende suas previsões à 2099, ano no qual, em sua profecia, se concretiza o inferno do nostálgico:

Mesmo entre as inteligências humanas que ainda usam neurônios com base em carbono, existe um uso onipresente de tecnologia de implantes neurais que oferece um aumento enorme das habilidades perceptuais e cognitivas humanas. Humanos que não utilizam esses implantes são incapazes de participar de modo significativo de diálogos com aqueles que os usam. Expectativa de vida não é mais uma expressão viável de se utilizar no que se refere a seres inteligentes (2007, 10).

Muitos autores reconhecem que as predições de Kurzweil se baseiam em nada além de um desejo pessoal (Dieguez 2017), em um mau uso de termos técnicos como a lei de Moore (Starks 2019) e mesmo em uma incapacidade de calcular os danos que, em tendo sucesso, o mundo da exponencialidade poderia criar (Crevier 1997). Endossando essas ressalvas, assumimos, todavia que, para os fins desse artigo, importa compreender como a futurologia de Kurzweil encontra um terreno fértil, no âmbito da cultura mais ampla, para colocar em circulação essa imagem de mundo inexorável, que se coloca como um destino. Sua linguagem simples e hiperbólica, organizada a partir de um mosaico de promessas, é uma parte sumamente importante do imaginário público em torno do futuro para que possa passar despercebida pelo historiador interessado em

16 “Mas quem poderia querer recusar uma tecnologia que é inerentemente benéfica e, além disso, totalmente maleável? Curve-se à tecnologia, diz o refrão, já que isso é inevitável; aceite-o e ajuste-o sem protestar e ele inundará a sociedade com inúmeras oportunidades para criar qualquer tipo de sociedade que se deseje” (Robins & Webster 1989, 35, tradução nossa).

compreender as modalidades públicas de consciência histórica. O indivíduo modular (singular?) de Kurzweil é aquele que se rebela individualmente contra a quase gnóstica concepção prisional de seu destino biológico e, ao mesmo tempo, não deve fazer nada contra o destino tecnológico que, operando no vazio das decisões políticas e econômicas que o organizam, aparece como um dever moral do indivíduo atualizado, sintonizado com seu tempo. Assim, a revolta contra a morte e contra o destino limitado da condição humana torna-se um produto rentável, editorialmente promissor e culturalmente poderoso. Se, de fato, *there's no alternative*, resta um comando imperativo direcionado ao indivíduo: seja você mesmo!

OS FUTURISTAS COMO PROFETAS DO ATUALISMO

Nesse momento, gostaríamos de ensaiar uma conclusão interpretativa que coloca em diálogo a futurologia de Kurzweil com conceitos historiográficos como os de narração de si e atualismo. Com isso, pensamos em trazer de volta para o campo analítico não apenas o conjunto de profecias tecnológicas de Kurzweil, mas o que elas significam para a conformação de uma filosofia pública da história. Destacamos, ademais, que se trata de um passo inicial em direção a uma conceituação que se encontra em aberto na historiografia. Dessa forma, menos do que enquadrar definitivamente o caso de Kurzweil em um conceito elaborado em outro contexto e com outras pretensões epistêmicas, almejamos tratar o futurólogo como ponto de observação de um rearranjo mais amplo nas reflexões historiográficas. Essa abordagem panorâmica nos distancia de uma conceituação fechada, mas procura nos aproximar de uma reconstituição propriamente histórica das disputas em torno das novas temporalidades.

Nas ciências humanas, a relação com a Inteligência Artificial não é uníssona. Podemos pensar, por exemplo, na posição consular de Gumbrecht (2015) para quem “em vez de delegar aos ‘robôs’ o trabalho humano, isto é, a máquinas que detêm o estatuto de servos ou escravos, conforme propagado por séculos de imaginação utópica, entramos numa dinâmica de autotransformação, individual e coletiva, em nossa fusão próstética com os computadores” (53). Segundo o autor, para reescrever o mesmo pensamento com uma tonalidade distópica, o maravilhoso mundo novo de nosso presente globalizado nos condena a ser os nossos próprios Big Brothers. Ou, em palavras menos agressivas: no mundo neoliberal da globalização somos livres para nos reinventarmos constantemente. A reinvenção e a atualização constantes. Estar na ordem do dia não é mais suficiente porque é preciso antecipar, já que o que pensamos hoje não terá uso, temos que pensar projetivamente, radicalizando a ausência de presença.

Para Araujo e Pereira (2017; 2018), as novas tecnologias colocam em questão o sentido clássico de história ao colocarem em questão a própria relação do homem com a natureza. O “atualismo” – termo cunhado pelos autores – produz a sensação de que tudo que importa está ou estará disponível e presente. Nesse sentido, podemos pensar que os futuristas são a face pública da Inteligência Artificial, dentre os quais Ray Kurzweil ocupa papel de destaque, são os profetas do atualismo, e não do futurismo. Como salientam os autores,

Para avançar na caracterização do impasse das descrições de nossa historicidade, usaremos a palavra “atualismo” – *updatism* –, derivada da expressão inglesa *update*, para pensar uma forma de presente que destaca temporalidades inautênticas. Estas, apesar de sempre atuantes em outros momentos históricos, não só estão se tornando predominantes no cotidiano, como também se apresentam como a única forma possível e desejável de temporalidade na era digital (Araujo & Pereira 2017, 14, tradução nossa).

O tempo do atualismo, para os autores, consolidaria um paradigma marcado pela ação impossível somada à mudança constante. A crença, enfim, de que estar atualizado é estar certo, corrobora uma confusão entre verdade e novidade. Por isso, o fluxo arrebatador da novidade teria mais relação com uma agitação do que com uma aceleração propriamente dita.

A proposta deste artigo foi, a partir dessas discussões historiográficas sobre a temporalidade da novidade, tematizar o impacto social das profecias de futuro geradas no âmbito da cultura tecnológica a partir de um de seus dispositivos de justificação: a transformação do cientista em profeta. Em outras palavras, assim como o profeta weberiano atestava sua conexão com o sagrado a partir da gestão social dos mistérios, o profeta das *sci-fi* transforma as profecias de futuro – eventualmente encarnadas em sua própria biografia – como atestação.

Lançando mão uma vez mais da noção sartreana de má-fé – por meio da qual, lembremos, a *responsabilidade* pelas escolhas e pelos valores que as embasam é *mascarada* e aparece como se os imperativos fossem dados pela própria realidade –, é interessante notar que a alternativa à má-fé, isto é, o ideal da autenticidade, é uma ideia absolutamente incompatível com as ideias de um pensador que tanto inspirou Peter Thiel, a saber, René Girard. Em *Mentira romântica e verdade romanesca* (2009), o autor apresenta sua “teoria do desejo mimético”, por meio da qual propõe que os grandes desejos e propósitos humanos são, sempre, imitações dos desejos e propósitos de outras pessoas. O ideal da autenticidade, ao presumir a possibilidade da invenção solitária dos próprios desejos e propósitos, é o núcleo do que Girard considera a grande *mentira romântica*. A *verdade romanesca*, que pode ser aprendida nas obras dos grandes romancistas, é a imitação dos desejos dos outros. Para Girard, não somos, como para Sartre (2008, 543), “condenados à liberdade” mas precisamente ao mimetismo dos modelos que mediam nossa relação com os desejos e nos inspiram. Todavia, essa verdade mimética parece, no caso dos nossos personagens, ter limites muito bem estabelecidos: se os próprios protagonistas do futurismo, como Kurzweil, Gates ou Jobs, nos oferecem narrativas biográficas plenas de exemplaridade e apelo a sua imitação, eles próprios, por outro lado, parecem viver vidas cujo gênero narrativo é outro. Eleitos, vocacionados e destinados ao papel de alegres e insubstituíveis operadores de um futuro inevitável, esses profetas de admiráveis mundos novos precisam, para que seus carismas funcionem, do charme da personalidade espontânea e criativa. No máximo e no limite, o profeta futurista se dobra diante de um imperativo ético oriundo da própria natureza das coisas: o mundo está incompleto e, em um espírito quase kantiano, é uma *obrigação moral* para *todo ser racional* – seja um ser humano ou um híbrido que futuramente exista – se engajar na otimização do mundo. Todavia, a credibilidade dos profetas ficaria seriamente abalada se, no lugar das nobres obrigações e vocações, comparecesse biograficamente qualquer coisa como a imitação de um primo muito elogiado ou um vizinho bem-sucedido.

Outra questão interessante que a aceitação pública das teorias difusas de Kurzweil sobre a história trazem para o campo da análise teórica é o uso heterodoxo e, no que diz respeito ao prestígio do profeta no imaginário popular, bem-sucedido, da ideia de destino histórico. Nesse sentido, consideramos que o diálogo com o conceito de atualismo pode nos ajudar a recuperar alguns elementos importantes. Araujo e Pereira expõe da seguinte maneira a definição de seu “futuro atualista” como opção à restrição que o conceito de presentismo, elaborado por François Hartog (o presente, conforme Pereira e Araújo (2018), “não precisa ser pensado apenas como presente alargado, ou como um presente sem futuro, mas como uma forma de temporalização que assentada em um modo específico do presente articular futuro e passado” (123), suscita:

As transformações do mundo da técnica têm modificado a nossa relação com o futuro, pois, paulatinamente, ele tem deixado de ser o lugar da transformação e da esperança para se tornar uma cópia atualizada deste lugar e, por essa razão, ele é, em teoria, melhor do que o presente, mas não diferente dele. Assim, enquanto as teorias do presentismo e do presente amplo insistiam na predominância de expectativas catastróficas com relação ao futuro, a historicidade atualista tem o futuro como algo garantido como repetição em expansão linear do presente; dito de outro modo, o futuro atualista é apenas o presente 2.0 (2021, 3).

Levando em conta essa definição, poderíamos posicionar Kurzweil como um profeta do atualismo, graças a seu manejo do futurismo? Consideramos que sim, na medida em que a concepção de futuro desenvolvida a partir do futurismo de nosso personagem parte da premissa de que ele está logicamente contido no presente. Ao mesmo tempo, nesse sentido, em que a ação é impossível, a mudança é constante. Um sentido muito especial de agência toma forma a partir dessa ideia: o futuro como fardo se transforma, pela sua aceitação irrestrita, em um futuro entendido como dom. Talvez nessa capacidade de transformar a catástrofe em profecia resida, precisamente, a atração desse discurso para o público amplo, não-acadêmico.

Finalmente, consideramos que a força pública de futurologias como as de Kurzweil se baseia na ignorância proposital em relação a uma pergunta anterior àquela sobre o que os computadores são ou serão capazes de fazer, a saber, a pergunta sobre se desejamos, enquanto sociedade, que os computadores cheguem a fazer tudo o que eventualmente poderão. Como formulou Golumbia:

especialmente quando tomamos essa maravilha entusiástica como significando que tudo está intrinsecamente se movendo em direção a um futuro utópico, precisamos então questionar com particular intensidade se essa presunção está enraizada na observação cuidadosa das realidades sociais, ou em formações ideológicas que nos impelem a ignorar as condições materiais do mundo que esperamos melhorar (2009, 225, tradução nossa).

Essa dimensão pública e política da decisão sobre os fins para os quais seriam empregados os ótimos e otimizados meios técnicos é tema de frequente tema de preocupação de uma vasta gama de pensadores. Koselleck (2014) afirma que

é possível que no futuro sejamos forçados a dirigir os esforços da humanidade mais para os estabilizadores e para as condições naturais de nossa existência terrena”, quando então, talvez tenhamos a oportunidade de constatar que a aceleração exponencial “indicou apenas uma fase de transição” pois se perceberá que “do ponto de vista político”, vale saber quem acelera – ou retarda – quem ou o quê, onde e por quê (188).

Na mesma direção, Paul Ricoeur, ao comentar a ficção científica dos experimentos de pensamento de Derek Parfit – assombrosamente semelhante aos episódios da já célebre série *Black Mirror* – alega que “provavelmente um dia será preciso proibir que se faça aquilo que a ficção científica se limita sonhar” e deseja que os “cirurgiões-manipuladores” dos sonhos futuristas “nunca tenham os meios nem, sobretudo, o direito de fazer aquilo que continua sendo perfeitamente lícito imaginar” (2014, 159). Talvez não precisemos, em suma, com tanta rapidez, nos mover em direção à determinados futuros: essa decisão, contudo, faz parte de uma percepção da história oposta àquela que confere legitimidade pública aos profetas da tecnologia de nosso tempo.

REFERÊNCIAS

- BOLTANSKI, L. CHIAPELLO, E. *The new spirit of capitalism*. Ed. Verso. London, 2005.
- BOURDIEU, P. 1997. *Razões práticas*. Sobre la teoria de la acción.. Editorial Anagrama, Barcelona, 1997.
- CAHILL, D. COOPER, M. KONINGS, M. PRIMROSE, D. *The SAGE Handbook of neoliberalism*. SAGE Ed, 2018.
- CASTELLS, M. HALL, P. *Technopoles of the World: The making of twenty-first-century industrial complexes*. New York. Ed. Routledge, 1994.
- CREVIER, D. *A la recherche de l'intelligence artificielle*. Paris. Ed. Flammarion, 1997.
- DARDOT, P. LAVAL, C. *A nova razão do mundo*. São Paulo. Ed. Boitempo, 2016.
- DIÉGUEZ, A. *Transhumanismo*. La búsqueda tecnológica del mejoramiento humano. Herder Editorial, S.L., Barcelona, 2017.
- EPOCA. Negócios. *Singularity University prevê como o mundo será em 2038: "irreconhecível"*. Disponível em <https://epocanegocios.globo.com/>
- FELL, J. *Heidegger and Sartre: an essay on Being and Place*. New York: Columbia University Press, 1979.
- GIRARD, R. *Mentira romântica e verdade romanesca*. Tradução de Lília Ledon da Silva. São Paulo, SP: É Realizações, 2009.
- GOLUMBIA, D. *The cultural logic of the computation*. Cambridge. Harvard Univeristy Press, 2009.
- GROOT, J. *Consuming History*. Historians and heritage in contemporary popular culture. USA. Routledge, 2009.
- GUMBRECHT, H. U. *Nosso amplo presente: o tempo e a cultura contemporânea*. Trad. Ana Isabel Soares. São Paulo: Editora da UNESP, 2015.
- HARAWAY, D. *Antropologia do ciborgue*. As vertigens do pós humano. Belo Horizonte. Autêntica, 2009.
- KEEN, A. *The cult of the amateur: how today's internet is killing our culture*. The Doubleday Broadway Publishing Group, 2007.
- KEHL, M. R. *Ressentimento*. 5ª edição. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.

- KEHL, M. R. Melancolia e criação. Em: FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. Tradução, introdução e notas de Marilene Carone. Textos de Maria Rita Kehl, Modesto Carone e Urania Tourinho Peres. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- KOSELLECK, R. *Estratos do tempo*: estudos sobre história. Tradução Markus Hediger. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014.
- KUNDERA, M. *A identidade*. Tradução de Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- KUNDERA, M. *A imortalidade*. Tradução de Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca e Anna Lucia Moojen de Andrada. São Paulo: Círculo do Livro, 1998.
- KUNZRU, H. Você é um ciborgue em HARAWAY, D. *Antropologia do ciborgue*. As vertigens do pós humano. Belo Horizonte. Autêntica, 2009.
- KURZWEIL, R. *A singularidade está próxima. Quando os humanos transcendem a biologia*. Itaú Cultural / Illuminurias. São Paulo, 2018.
- KURZERIL, R. *A era das máquinas espirituais*. São Paulo: Aleph, 2007.
- KURZWEIL, R. *How to create a mind*. New York/Victoria. Viking. Penguin Group, 2012.
- LASCH, C. *A cultura do narcisismo*. A vida americana numa era de esperanças em declínio. Rio de Janeiro: Ímago, 1983.
- LATOUR, B. *A esperança de Pandora*. Ensaio sobre a realidade dos estudos científicos. Trad. Gilson C. C de Sousa. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- LEWIS, M. *The New New Thing : A Silicon Valley Story*. New York, Norton & Company, 2000.
- MACINTYRE, A. *Depois da Virtude*. Trad. Jussara. Simões. Bauru: EDUSC, 2001.
- MIROWSKI, P. PLEHWE, D. *The road from Mont Pèlerin: The making of the neoliberal thought collective*. Harvard University Press, 2009.
- NOBLE, D. *Progress without people*. New Technology, Unemployment and the message of resistance. Toronto. Between the lines, 1995.
- PEREIRA, M. *Lembrança do presente*. Ensaio sobre a condição histórica na era da internet. Belo Horizonte. Autêntica, 2022.
- PEREIRA, M., ARAUJO, V. *Actualismo y presente amplio*: breve análisis de las temporalidades contemporáneas. Desacatos. Revista de Antropología Social, v. 55, p. 12-27, set./dez. 2017
- PEREIRA, M. ARAUJO, V. *Atualismo*: pandemia e historicidades no interminável 2020. Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v. 47, n. 1, p. 1-16, jan.-abr. 2021 | e-39802
- PEREIRA, M.; ARAUJO, V. *Atualismo 1.0* – Como a ideia de atualização mudou o século XXI. 1. ed. Ouro Preto: SBTHH, 2018.
- RICOEUR, P. *O si mesmo como outro*. Tradução Ivone C. Benedetti. – 1ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.
- ROBINS, K. WEBSTER, F. *The Technical Fix*. Education, Computers and Industry. New York. St. Martin's Press, Inc., 1989.
- SARTRE, J.-P. *O existencialismo é um humanismo*. Apresentação e notas, Arlete Elkaïm Sartre; Tradução de João Batista Kreuch. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- SARTRE, J.-P.. *O ser e o nada*: ensaio de ontologia fenomenológica. 16 ed., tradução de Paulo Perdígão. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- SCHMIDT, E., & COHEN, J. *The new digital age: reshaping the future of people, nations and business*, 2013
- SHAPIN, S. *The scientific life: a modern history of a late modern vocation*. Chicago: The University of Chicago Press, 2008.

- SIMON, Z. *A transformação do tempo histórico*. Temporalidades processual e eventual. revista de teoria da história 24, 1, •2021, p. 139-155.
- STARKS, M. *Will Hominoids or androids destroy the Earth? A review of How to create a mind by Ray Kurzweil. Suicidal Utopian Delusions in the 21st Century -- Philosophy, Human Nature and the Collapse of Civilization-- Articles and Reviews 2006-2019 4th Edition Michael Starks. Las Vegas, NV USA: Reality Press. pp. 265-277 (2019)*
- STEIN, E. *Órfãos de utopia: a melancolia da esquerda*. – 3. ed. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2015.
- THIEL, P. *De Zero a Um. O que aprender sobre empreendedorismo com o Vale do Silício*. Ed. Objetiva. Rio de Janeiro, 2014.

Um Profeta Da Velocidade

*O caso de Ray Kurzweil e uma reflexão sobre
a construção de uma filosofia profética da história*

Artigo recebido em 20/08/2022 • Aceito em 28/11/2022

DOI | doi.org/10.5216/rth.v25i2.73794

Revista de Teoria da História | issn 2175-5892



Este é um artigo de acesso livre distribuído nos termos da licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja citado de modo apropriado